

27-01-2021

MD-PUMM

Valter Delésio Aleixo

[Autônomo, ex-gerente de restaurante e ex-quase tudo.
Desempregado. Bacharel em Arquitetura]

Estranhamente fui liberado pra continuar a escrever aqui. Sei que costuma haver um intervalo entre os textos de cada colunista mas fui instruído a completar meu relato, pois o editor achou que não ficou clara a minha primeira apresentação. Ele me disse que se esperasse um mês pelo meu segundo texto, provavelmente não haveria mais sentido.

Concordei, até porque estou acostumado a não ser mais chamado quando sou entendido. No caso, como acho que não fui entendido estou aqui de volta. Me desculpem, mas a culpa não é (só) minha. O MD-PUMM: Movimento Doidão - Por Um Mundo Melhor foi criado antes da pandemia.

Meus 4 amigos e duas amigas fundadores do movimento me chamam de Barão. No início eu dizia que eu já tinha o apelido de Doidão, mas como todos eles se acham doidão e doidona também, só me chamam de Barão. A razão é simples. Eu sou o único do movimento que tenho uma renda invejável para eles: 5 mil reais dos aluguéis das casas que meu pai deixou e 1 mil e 500 reais da minha mãe que mora comigo. Devo concordar que num país de miseráveis o que ganho é digno de um Barão.

Podem me chamar de Barão. De todos os amigos e amigas que convidei para fundar o MD-PUMM, os seis que aceitaram têm pontos em comum, o que é, aliás, uma exigência: todos odeiam bolsonaro; todos amam Manaus; todos acham que Manaus está um lixo, entregue às moscas; e todos foram, estiveram ou estão em vias de ficar desempregados. AH! E o principal: todos querem lutar a luta do PUMM - por um mundo melhor -.

O nome movimento foi escolhido a dedo porque movimento pode ser pra qualquer lado, pra cima pra baixo, pra frente pra trás, mas para ser movimento tem que ter algumas regras para se mover. Agora vou falar delas brevemente porque prometi ao editor que hoje eu falaria da saga de Manaus...

Mas, antes, as regras do movimento:

1 - participar de todas as iniciativas contra bolsonaro.

2 - sair de todas as redes sociais onde tem bolsonaristas, traficantes, milicianos, terraplanistas, negacionistas, racistas, machistas, pecuaristas assassinos de índios, grileiros, fascistas, nazistas, fundamentalistas religiosos, hiper-ultra-neoliberais e pessoas que ficam caladas diante do avanço da barbárie.

Obs. O movimento está com muita dificuldade de participar de redes sociais, porque essas categorias citadas estão em toda parte... Mas a ideia é essa: deixar essa súcia falando só entre eles... quanto mais eles ficarem conversando entre eles mais eles vão começar a divergir entre si, por exemplo, sobre as formas de tortura dos comunistas, a “melhor” maneira de matar negros, gays e índios, de espancar mulheres, de que forma combater a Lei Maria da Penha, qual o calibre das armas que devem ser liberadas e se eles poderão portar fuzis e metralhadoras livremente, quais as melhores maneiras de desrespeitar regras contra a pandemia, essas ‘coisinhas’...

3 - acompanhar e registrar, para a tomada das devidas providências, a degradação social e violação dos direitos humanos em Manaus, prioritariamente, depois Brasil e, por último, no mundo.

4 - jamais pedir bolinhos, croquetes ou similares em bares e restaurantes nos quais não se tenha total confiança no gerente, pelas razões explicadas no primeiro texto.

No início do MD-PUMM, nós não tínhamos muito o que fazer, mas as nossas reuniões eram sempre muito doidonas.

Era o mínimo que a gente podia fazer pra fazer jus ao nome do movimento. Chegamos a ir à Passeata Gay, participamos de algumas paralisações no Distrito Industrial, denunciamos (anonimamente) violências policiais ao Ministério Público...

Pouca coisa... Eu, como Barão, o mais abastado da turma ajudava em algumas despesas - cachacinha, uma que outra cerveja, pão com mortadela e uma graninha pra passagem dos membros desempregados -. Mas aí chegou a Pandemia e o MD-PUMM tomou impulso. Infelizmente, por uma triste coincidência, justamente quando estreio nesta Coluna, minha cidade entrou em colapso na Pandemia.

O que eu tinha me proposto a falar por aqui sobre o MD-PUMM tem tudo a ver com o que está acontecendo aqui agora. No início da Pandemia, Manaus ficou conhecida para os brasileiros que só conhecem Ipanema, Leblon, Morumbi e Miami pelo número de covas abertas em nossa cidade.

Manaus é o centro do maior estado do país. Aqui, as estradas são os rios que trazem as nossas gentes em viagens que levam dias e até semanas para fazer uma consulta ou uma cirurgia ou receber um auxílio financeiro que vai ser quase todo gasto na viagem de volta. Quem quer conhecer a miséria e o total descaso com os direitos humanos venha a Manaus e veja a chegada das embarcações... Aqui, a Covid-19 fincou sua plataforma eleitoral. Se o vírus e seus representantes quiserem seguir a carreira política escolheram o lugar certo.

Não me espantará se o desMinistro da saúde nas próximas eleições se candidatar a senador pelo estado do Amazonas.

E a notícia pior: deverá se eleger!

Manaus teve sua população estimada, em 2020, em 2 milhões e 220 mil pessoas. Seu salário médio mensal é o 134º entre os municípios brasileiros. 37,9% da população vive com meio salário-mínimo e seu PIB per capita entre os municípios ocupa a posição 875ª. No controle da mortalidade infantil ocupa, no Brasil, a posição 2018ª e no próprio estado do Amazonas, entre 62 municípios, ocupa a 40ª posição. Manaus é a 6ª pior cidade em saneamento básico no país. Apenas 12,43% da população tem acesso a ele. Precisa dizer mais?

O objetivo do MD-PUMM é escancarar essas desigualdades, assim como o escárnio com a coisa pública é por aqui escancarado. Por exemplo dizer que é a 3ª cidade do Brasil com mais homicídios e a 34ª cidade mais violenta do mundo.

Precisa dizer mais? A falta de oxigênio durante a pandemia é o ponto culminante da falta de quase tudo em matéria de políticas públicas. Contudo, é por amar Manaus e querer viver num lugar melhor e mais humano que estamos aqui.

E também é preciso ressaltar que suas desgraças são o retrato do Brasil e o MD-PUMM veio pra lutar contra isso. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.